

Maria Angela Paulino Teixeira Lopes\*\*

ma.paulino@globo.com

## Processos de referenciação – ações cognitivas e sociodiscursivas em interação\*

**RESUMO** – Em uma perspectiva sócio-discursiva, fundamentada em uma concepção de linguagem como atividade interativa, este artigo apresenta uma análise dos processos de constituição da referenciação em práticas de linguagem socialmente situadas: os gêneros textuais. Tendo em vista o caráter processual desta investigação, o procedimento metodológico – leitura de três textos da mídia impressa, um questionário escrito para cada texto, um registro em áudio das sessões de discussão sobre os textos lidos ('protocolo verbal') – permitiu, pela triangulação das informações, alcançar a abrangência necessária ao estudo proposto: a referenciação é construída de forma dinâmica, em contextos sócio-interativos, envolvendo estratégias inferenciais do sujeito-leitor a partir de operações concretizadas nos gêneros textuais.

**Palavras-chave:** interacionismo sócio-discursivo, ação de linguagem, referenciação, contextualização, gênero textual.

**ABSTRACT** - This paper presents, in a socio-discursive perspective based upon the conception of language as an interactive activity, an analysis of the reference process in language within socially-situated contexts: textual genres. Taking into account the process approach, the methodology – i.e., reading of three written texts, a questionnaire for each text, an audio recording of the discussion sessions on the texts (verbal protocol) – made possible the required coverage for the proposed study, through triangulation. Referenciation is built in a dynamic way, within socio-interactive contexts involving subject-reader strategies, from traits in the textual genres.

**Key words:** socio-discursive interaction, action language, referenciation, contextualization, textual genre.

### Introdução

A dimensão referencial da linguagem tem sido examinada, desde os modelos clássicos, a partir do estabelecimento de uma estreita relação entre as palavras e as coisas. Assim, a linguagem cumpriria a função de nomear ou designar um mundo composto de objetos, de fenômenos, de estado de coisas, independentemente da interferência do sujeito.

Desde os estudos desenvolvidos em minha dissertação de mestrado, em que analisei o processamento dêitico como uma estratégia discursiva

importante para a construção da polifonia textual, fundamental para a compreensão do agenciamento do(s) sentido(s) do texto, preocupe-me em ultrapassar essa visão de representação imposta à linguagem para tentar compreender os processos envolvidos na referenciação textual. Nesse sentido, a perspectiva teórica adotada para compreender a referenciação<sup>1</sup> passou a fundamentar-se em uma concepção de linguagem como atividade interlocutiva, social e não somente numa relação de denotação entre uma palavra ou expressão lingüística e uma entidade do mundo "objetivo".

\* Este artigo é a versão escrita da comunicação apresentada no Simpósio "Painel de pesquisas brasileiras e portuguesas no quadro do interacionismo sociodiscursivo: aportes teóricos e metodológicos e novas tendências", no 14<sup>o</sup> INPLA/2004 -Linguagem, Inserção e Cidadania, promovido pelo LAEL/PUC-SP. Trata-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida em minha tese de doutorado: "Processos inferenciais de referenciação na perspectiva sócio-discursiva" (Lopes, 2004).

\*\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo *referenciação*, por seu caráter mais processual, será usado, preferencialmente, em substituição a *referência*. A expressão *construção de sentidos* será utilizada pelo mesmo motivo.

Motivada por inúmeras indagações decorrentes de uma prática docente preocupada com resultados, com “acertos” e “erros”, nas atividades envolvendo a leitura, busquei, em minha pesquisa desenvolvida no doutorado, dar continuidade a estudos que considerassem as operações envolvidas na constituição de sentidos.

Apoiando-me particularmente nas reflexões dos trabalhos na linha do interacionismo sócio-discursivo, para os quais a dimensão primeira da textualidade é sócio-histórica, dirigi o foco de minhas investigações para a compreensão global das “ações de linguagem” e dos gêneros que as materializam, conjugando uma análise externa dos textos – suas relações de interdependência com o mundo social e a intertextualidade – e uma análise interna da arquitetura textual (Bronckart, 1999).

Nessa visão, a participação do sujeito, antes desconsiderada na análise dos processos da atividade referencial, passa a ocupar um espaço privilegiado de “agente”, capaz não somente de “apropriar-se da língua” para agir por meio dela, como afirmara Benveniste (1989), mas de constituir-se como sujeito pela linguagem (Franchi, 1992; Possenti, 1993; Bronckart, 1999).

Tendo em vista o caráter processual do objeto de estudo, optei pelo seguinte procedimento metodológico: três textos jornalísticos (um ensaio e duas crônicas de autores brasileiros) foram submetidos à leitura de 21 informantes, estudantes-universitários. A cada sessão de leitura, realizada com grupos de sete alunos (G1, G2, G3), seguia-se o preenchimento de um questionário sobre o texto lido<sup>2</sup>. Respondidas as questões, efetuava-se a leitura oral das mesmas, de modo a socializar, para o grupo, as informações pretendidas naquele momento. Imediatamente, tinha início o ‘protocolo verbal’, técnica investigativa que consiste na verbalização partilhada, coletivamente, dos processos experimentados pelos sujeitos no momento da leitura. Essas trocas, registradas em áudio, eram transcritas para integrarem o *corpus*<sup>3</sup>.

Neste artigo, apresento somente as reflexões decorrentes do exame das operações de investimento de sentidos dos sujeitos-leitores para construir a referenciação do ensaio de Roberto Pompeu de Toledo, publicado na revista VEJA, em 29 de abril de 1998: “Considerações sobre ela, sem dizer seu nome”<sup>4</sup>.

Preliminarmente, é necessário assinalar que, diante dos limites impostos pelas condições materiais do texto aqui apresentado, procederei a uma análise sucinta das operações mais significativas, explicitadas pelo experimento, considerando duas dimensões: (i) uma *dimensão enunciativa*, em que o conhecimento sobre o contexto situacional assume um papel relevante, bem como as representações sobre os sujeitos, os papéis que ocupam na interação social e as normas sociais que regem o ato de linguagem<sup>5</sup> e (ii) uma *dimensão textual*, que envolve o conhecimento sobre a língua, os mecanismos de textualização, o gênero textual e os tipos textuais que o organizam, incluindo-se o conhecimento intertextual.

A abordagem das operações textuais será feita nos dois níveis – da produção e da recepção –, tendo em vista o quadro das “coordenadas gerais dos mundos” proposto por Bronckart (1999), em função dos “parâmetros da ação de linguagem” ali instituídos.

Em consonância com a perspectiva do *interacionismo sociodiscursivo* (Bronckart, 1999, 2000, 2004; Schneuwly, 1994), como já foi dito, esta análise orienta-se por um referencial teórico coerente com o exame dos processos constitutivos das “ações de linguagem”, submetendo o estudo das *práticas discursivas* ao modo de organização das atividades humanas. Nesse sentido, integram também este estudo as pesquisas que vêem os gêneros textuais não somente como produto de convenções de forma e conteúdo, mas como *ações sociais e retóricas* (Lopes, 2004b).

Para proceder a uma abordagem integrada das operações – enunciativas e lingüísticas – passo a

<sup>2</sup> No caso do texto em análise, as questões foram: 1) Quem é ela? 2) Em que pistas do texto você se baseou para responder a questão 1? 3) Que objetivos levaram o autor a redigir o texto?

<sup>3</sup> Os exemplos, em molduras, foram transcritos das sessões de discussão. O uso do negrito visa destacar elementos e seqüências de modo a facilitar a demonstração do aspecto em exame. As iniciais foram usadas para preservar a identidade dos informantes.

<sup>4</sup> Cf. anexo I.

<sup>5</sup> Este estudo leva em conta uma noção ampliada de contexto, manifestada em trabalhos que expandem o conceito, considerando-se não somente o contexto situacional, ligado ao *aqui* e *agora* da situação, mas a aspectos relacionados à cultura, à comunidade discursiva dos locutores e aos papéis por estes desempenhados e, sobretudo, às representações que os sujeitos fazem de si mesmos e de seus interlocutores, bem como da situação enunciativa (Duranti e Goodwin, 1992; Van Dijk, 1992; Mondada e Dubois, 1995; Kerbrat-Orecchioni, 1996; Kleiber, 1997a,b; Bronckart, 1999; Marcuschi, 2000; Koch, 2002).

demonstrar os movimentos perceptíveis, nas ações dos sujeitos-informantes, dos processos inferenciais, ativados por conhecimentos pragmáticos que permitiram construir a referenciação.

### “Considerações sobre ela, sem dizer seu nome” – das condições de ação de linguagem às operações textuais e lingüísticas

Embora não seja preocupação deste estudo a explicitação das categorias envolvidas na determinação do gênero textual, cabe comentar a opção pelo texto de entrada do *corpus*. Classificado como ‘ensaio’ pelo próprio veículo de sua publicação, o texto revela características emergentes das inter-relações entre as condições de produção e as “ações de linguagem” possíveis pelo gênero.

Segundo Burke (2003), o ensaio, tal como é praticado pela mídia brasileira, não se baseia em “pensamento rigoroso nem em pesquisa extensiva”, mas busca a adesão do interlocutor para as ponderações apresentadas. Também para Arrigucci, em entrevista a Castello (1999), mais do que erudição, ao ensaísta é preciso empatia com o objeto examinado. Em uma ótica interacionista, encaro o ensaio como fruto de um processo que se define no próprio trajeto da argumentação. Isso pode explicar a presença de índices de interatividade: na inclusão do locutor ao exposto, pelo uso da primeira pessoa (*Estamos nós no aconchego do nosso mundinho...*), na indagação direcionada ao interlocutor (*Como pudemos nos acreditar tão estáveis?*), nos exemplos e nas citações que dão sustentação à tese e que remetem a conhecimentos partilhados pelos interlocutores.

A exemplo de Bronckart (1999, p. 77), penso que a caracterização de um texto depende de critérios variados: situações de comunicação, modelos dos gêneros, modelos dos tipos discursivos, regras do sistema da língua, além de decisões particulares do produtor. O autor sugere que se deve partir da análise das “condições sócio-psicológicas das produções dos textos” para, em seguida, examinar “suas propriedades estruturais e funcionais internas”.

Os questionários respondidos pelos informantes e os depoimentos parecem demonstrar que o processo de referenciação foi-se efetivando a partir de uma rede de fatores, de ordem lingüística e extralingüística, envolvidos na interação, como verificaremos a seguir.

### Parâmetros de ação de linguagem e construção da referenciação

Em resposta à primeira questão do questionário, dos 21 leitores envolvidos na experiência, três responderam que *ela* referia-se à “mídia”, aos “meios de comunicação” e à “palavra” e 18 informantes disseram ser a “a morte”. Como pistas, indicaram particularmente passagens contidas no primeiro, segundo, terceiro e sexto parágrafos.

Vale destacar que os leitores evidenciam que conhecem o funcionamento do gênero de texto e os “objetos-de-discurso” que ali podem estar representados. Perguntados sobre os objetivos do texto, os informantes recorrem reiteradamente ao verbo *mostrar*, além de utilizarem outros, como *demonstrar*, *falar* (de) e *expor*. Esses dados nos levam a pensar na relevância do conhecimento do gênero para a referenciação. Em momento algum eles pensam no texto como uma narrativa, uma história em que se relatam fatos, acontecimentos, envolvendo ações de personagens, em determinados espaços. As estratégias inferenciais do sujeito-leitor são mobilizadas a partir da interpretação dos conhecimentos da situação de “ação de linguagem”, concretizados em práticas discursivas socialmente determinadas – os gêneros textuais.

Algumas passagens dos depoimentos deixam claro o movimento de constituição da referenciação pelo processo inferencial e pela ativação de elementos conhecidos por meio da experiência social, a partir do cotexto informacional. Interessante notar que leitores que construíram de maneira diversa a referenciação do texto, muitas vezes, seguiram as mesmas pistas. A sessão de discussão do G2 a respeito do texto parece demonstrar que as atividades inferenciais situadas podem ter sido decisivas para essa multiplicidade de leituras. Observem-se os percursos vividos por D, para construir a referenciação de *ela* como ‘palavra/fala’ e, da mesma forma, os contra-argumentos de M, defendendo a leitura de ‘morte’ para o texto:

#### Exemplo 1

2.D- (...) eh eh eh deix’eu ver outra coisa que...((lendo o texto)) também falou assim... eh... eu acho também por questão de falar/falando que **eu acho que é a fala e não que seja a morte** porque aqui ele ele ele faz um comentário sobre:: que às vezes eu já li... eh eh eh coisas sobre ele né? (finalmente) fala no contexto da história... o que tá passando na história? o que tá falando aí... e eu acho que a morte não encaixa de jeito nenhum ((riso)) quer ver ó? **aqui fala do poder** ( ) depois

de aniquilar pessoas entendeu? depois de destruir pessoas... **a palavra tem esse poder** de de de destruir de aniquilar... tá falando aqui eh eh eh de retomar sei lá a vida e tudo... eh... deix'eu ver com o texto aqui o que acho...

### Exemplo 2

4.M - eu discordo... igual ela falou essa parte **“a grande ilógica e grande deso/deso/desordenadora é também a grande dese/desequilibradora...”** “estamos nós no aconchego do nosso mundinho acreditando na solidez do chão em que pisamos quando ela avança como um tornado e de repente fulminantemente de repente **vira tudo de cabeça pra baixo”** e aí (começa) **“na tragédia”... traGÉdia já fala que num/não pode ser a palavra nunca né?**

Em textos como os do *corpus*, em que a ambigüidade é propositadamente instituída, é necessário que os leitores lancem mão de outras estratégias de constituição da referência. A inferenciação, nesse caso, passa a ocupar um papel decisivo para lidar, sobretudo, com os componentes lingüísticos, como se constata em um comentário presente na resposta à questão 2 do questionário: *Somente no final do texto é que percebi a quem o autor se referia a “morte”. Depois voltei ao texto e fui encaixando* (G3-D).

É preciso lembrar que o ensaio de Roberto Pompeu de Toledo ocupa um determinado espaço da revista *Veja* – a seção *Ensaio* – que, em geral, dá lugar a comentários sobre fatos do cotidiano que merecem/mereceram destaque no noticiário da semana. Assim, esse gênero é determinado diretamente pelas representações do contexto social imediato, o que leva a crer que as representações do enunciador/ensaísta a respeito de seus enunciatários/leitores também determinam a produção de sentidos. A mobilização de representações a respeito da “situação de ação” não é tarefa exclusiva do sujeito-leitor, mas constitui igualmente a base da ação do sujeito-autor, no momento de decidir por uma estratégia para sua “ação languageira”.

A decisão por uma ou outra interpretação não se deve, portanto, somente à significação lexical dos termos, mas a uma contextualização de todos os componentes, em interação no texto. Por isso mesmo, a análise de enunciados soltos, tal como apresentava a semântica formal, não satisfaz as condições de referência, dada a impossibilidade de se estabelecerem relações construídas na enunciação.

Cabe salientar que certas estratégias utilizadas no texto buscam ativar processos muito mais complexos de inferenciação. A relação catafórica estabelecida

a partir do título “Considerações sobre **ela...**” convoca o leitor a participar do desafio da construção conjunta da interpretação do texto. Passagens dos depoimentos permitem a verificação desse processo:

### Exemplo 3

56.D- olha aqui... ele falou assim... **“considerações sobre ela sem dizer seu nome” quer dizer que ele deixou pra VOCÊ... você penSAR.... você eh::: adivinhar quem que é ela.... ele deixou...o próprio/a a:: o próprio título do texto eu acho que ele deixou pra você eh eh classificar quem que você acha que é ela...** agora aqui teria que levar em consideração o contexto histórico... só acho isso... G2

O exemplo 3 pode demonstrar como os leitores encaram com naturalidade o fato de, em determinadas situações e, dependendo do texto, não haver necessidade de explicitar o referente, tarefa a ser desempenhada pelo leitor. O depoimento parece sinalizar para o fato de que uma das condições para a referenciação pode ser o reconhecimento das estratégias de *dizer*, ou seja, o que é possível *dizer* por meio de determinados gêneros. Nesse aspecto, constata-se, como afirmou Bakhtin (1997), que o sujeito não recebe de forma passiva a “significação (lingüística) de um discurso”, mas, ao contrário, responde ativamente, concordando ou discordando, participando da ação.

A meu ver, a dinamicidade da construção de contextos no processo da referenciação é ainda mais evidente nos gêneros do domínio jornalístico. O desconhecimento de certos fatos é apontado pelos informantes para justificar a impossibilidade de trilhar outra trajetória de leitura:

### Exemplo 4

17.D- é aí que eu falo... aí vem o contexto histórico... EU na época eu não lia eu num num num tava por dentro... eu não SEI o que aconteceu dia vinte e nove de abril de MIL novecentos e noventa e oito...

18.S - não... eu não tô falando de contexto...

19.D - o contexto histórico... PRA MIM ENTENDER ISSO AQUÍ... pra mim entender isso aqui eu teria que saber o que tava se passando na polÍtica na VIda na sociedade... o que tava passando durante a semana porque isso aqui é um texto da *Veja* e eles comentam o que aconteceu na semana entendeu? (eu não sabia... eu num... coisa) e realmente hoje você falando isso eu lembro do/desse cara aqui... o filho morreu e tudo...

### Exemplo 5

107.C- essas coisas podem ser consideradas como palavra...sabe por quê? mas a questão que eu tô discutindo aqui não é isso... é que o contexto me leva a pensar nisso... porque isso aqui pode ser uma outra coisa também... mas aí é que tá o contexto do

texto que vai te levar a pensar no objetivo do autor... não é se leva à palavra ou não... eh... se tudo tá levando à palavra entendeu? É essa que é a questão... que eu

De acordo com as "coordenadas gerais dos mundos" (EXPOR e NARRAR), no modelo apresentado por Bronckart (1999), o texto em análise pertenceria ao mundo do EXPOR, por organizar-se em "conjunção" ao mundo ordinário do agente-locutor, como atestam os exemplos fornecidos notadamente nos dois primeiros parágrafos do ensaio. Quanto às relações estabelecidas entre os agentes, que determinam a "implicação" e a "autonomia" aos parâmetros físicos da ação de linguagem, o texto está "implicado" ao ato de produção, evidenciado pelos índices de pessoa e de tempo: *É o momento em que nos lembra que não relaxou sua vigilância, a nós que tantas vezes [...]; Isso aconteceu em 1982 [...] e acontece agora [...], Cadê o norteado dos eventos da semana passada?*

O fato de estar "implicado" em relação ao plano da enunciação inviabiliza, em princípio, o enquadramento do texto no "Discurso Teórico" (DT), do eixo do EXPOR. Bronckart (1999, p. 159-161, 170-174) vê o DT como um 'monólogo' em que prevalecem procedimentos típicos, tais como: predominância de frases declarativas, com uso dos verbos no tempo presente, além de utilização de organizadores com valor lógico-argumentativo, ao lado de estratégias metatextuais e intratextuais.

No ensaio "Considerações sobre ela...", o que se tem é um ponto de vista sobre a morte, **uma** percepção de **um** indivíduo sobre a morte, a partir de suas experiências ligadas ao aqui/agora da enunciação, o que o torna "implicado" ao ato de produção. Também por pertencer à instância jornalística, de veiculação semanal, o texto encontra-se estreitamente relacionado aos acontecimentos que se situam no entorno dos sujeitos (locutor/alocutário), tornando-se difícil sustentar uma "autonomia" em relação a sua situação de produção. Nesses termos, reitero a importância dos conhecimentos partilhados, sobretudo em textos do mundo do EXPOR, na esfera do jornalismo.

Os pronomes de primeira pessoa e os adjetivos modificadores empregados pelo sujeito-locutor reforçam o envolvimento deste com o seu discurso, evidenciando a "implicação" aí existente: *É o momento em que nos lembra que não relaxou sua vigilância, a nós que tantas vezes...; Norteamo-nos nessa era sem fé, pela sabedoria do mundo.; Estamos nós no aconchego do nosso mundinho...; Como podí-*

*mos estar antes tão desprevenidos ?; Como pudemos nos acreditar tão estáveis?*

Os segmentos interrogativos também podem ser vistos como tentativas de tornar o DT mais interativo, uma forma mais 'democrática' de buscar a adesão do interlocutor ao que é dito: *Não é raro eleger-se um presidente e, antes mesmo da posse, sobreviver seu desaparecimento?*

A instauração da temporalidade/espacialidade é regulada pelos "parâmetros de ação de linguagem". Quando se fala de enunciação, fala-se de um enunciador que se situa diante de um enunciatário, em um tempo e um espaço para construir a referenciação. No ensaio analisado, a operacionalização dos elementos que constituem a instância enunciativa é possível pelo agenciamento de processos dêiticos de espaço e de tempo: *o raio que agora desaba; acontece agora; os eventos da semana passada; nesta era sem fé.* O discurso instaura o seu 'agora' em função da data de publicação do texto na revista. Inscrito num espaço temporal – o ensaio foi publicado em 29 de abril de 1998 –, o enunciador organiza seu discurso a partir de determinadas representações, entre elas a de que o leitor tenha conhecimentos suficientes sobre os fatos ali expostos.

O processamento dêitico não determina somente uma localização temporal de base 'fiscalista', mas coopera para organizar o raciocínio argumentativo do locutor. O predomínio do tempo presente confirma uma das características dos textos do eixo do EXPOR, segundo Bronckart (1999, p. 171). O tempo presente é considerado por Weinrich (1973), em sua análise dos tempos verbais, no idioma francês, como o tempo que indica uma atitude de maior comprometimento do locutor com o que é enunciado, evidenciando uma tomada de posição a respeito do que é tratado no discurso. Acredito ser esse recurso também muito utilizado em língua portuguesa, embora as reflexões do locutor possam ser apresentadas nos tempos do pretérito, como atestam outros textos da mídia impressa.

Instaurado no tempo presente, a serviço, como já se disse, da atitude comentadora, o discurso do enunciador cede espaço para outros discursos. Tal recurso de dar 'voz' a outros enunciadores, ao longo do texto, pelo agenciamento da dêixis temporal, é promovida pelos verbos 'de dizer', no pretérito: *"Comentando a dupla perda para o presidente Fernando Henrique Cardoso, disse o secretário de Direitos Humanos do governo, José Gregori: "É como se tivesse ocorrido um desastre aéreo." (§1); "Por que não eu?", dizia o senador Antonio Carlos*

*Magalhães. É a pergunta que todo pai se faz diante do filho que vai embora.*”(§2); “*Creio porque é absurdo, dizia Tertuliano, formulador do cristianismo nos primeiros anos.*”(§3). A entrada de outros enunciadores no texto reforça os argumentos e endossa a tese defendida pelo locutor. Tal recurso é apontado como pistas pelos leitores e parece ter sido relevante na construção do propósito discursivo do enunciador e, portanto, da referenciação.

A ativação de outros tempos, particularmente o pretérito, ocorre também para evocar fatos pertencentes a momentos anteriores à enunciação, ao ‘agora’ do ato de produção: *Pois aconteceu isso não só com Tancredo Neves, em 1985, mas (...)*”. Também as referências retrospectivas estão arroladas entre as pistas indicadas pelos leitores, na questão 2 do questionário. Saliente-se que o uso do pretérito, no texto, particularmente no segundo e no quarto parágrafos, ativa as exemplificações que sustentam a exposição do autor, mostrando uma fusão entre a exposição e a narração.

Além do agenciamento de tempos verbais, as expressões adverbiais e os advérbios também marcam a temporalidade do texto, como, por exemplo, o advérbio *agora*. Dois leitores, S. do G2 e F. do G1, valeram-se de passagens do texto que sinalizam as datas dos eventos, como se verifica em: “*os desaparecimentos do ministro Sérgio Motta e do deputado Luís Eduardo Magalhães. Tancredo Neves em 1985...*”(S., G2); “*pois aconteceu isso não só com Tancredo Neves em 1985, mas com Rodrigues Alves, em 1918.*” (F., G1)

Diante desses dados, pode-se pensar que, em um gênero como o ensaio jornalístico, alguns elementos circunstanciais, notadamente os que localizam os eventos temporalmente, são mobilizados tendo em vista o objetivo do produtor de tornar preciso seu discurso, isto é, de dar veracidade ao seu texto. Essa estratégia aparece com mais evidência na organização do segundo parágrafo.

Tal constatação também pode apontar para a construção de “mundos discursivos específicos” de que fala Bronckart (1999, p. 281). A ordem do EXPOR, na qual pode ser enquadrado o ensaio em estudo, destaca-se sobretudo pela possibilidade de situar os dados e os eventos no eixo de um tempo datado, como já afirmei acima. Nesses termos, o “conteúdo temático” é construído a partir de fatos confirmados no mundo ordinário.

Em relação aos segmentos que o compõem, o texto apresenta planificação heterogênea, podendo ser identificados segmentos descritivos, explicativos e argumentativos, mais comumente empregados em gê-

neros do mundo do EXPOR, ao lado de segmentos narrativos. Se analisarmos os segmentos descritivos, no texto, verificaremos que, contrariamente ao grau de autonomia que costumam apresentar em relação ao objeto retratado (Bronckart, 1999, p. 245), em textos da ordem do EXPOR (monografias, textos ensaísticos, didáticos etc.), as descrições subordinam-se à visão do produtor, a exemplo do que acontece em textos da ordem do NARRAR. Em “Considerações sobre ela...”, é bastante freqüente a recorrência às descrições definidas: *A Grande Ceifadeira não tem lógica nem discrimina.[...] A Grande Ilógica, a Grande Desordenadora é também a Grande Desequilibradora.*

Isso parece frisar que as seqüências descritivas assumem um papel significante na construção da argumentação do texto. No ensaio analisado, elas carregam grande parte da força necessária à tarefa retórica pretendida pelo sujeito-produtor, o que se confirma também nas pistas fornecidas pelos informantes: *Ela, a Inominável, a Indesejada das Gentes, mostra nessas ocasiões um fôlego de corredor de maratona.; A Grande Ceifadeira não tem lógica nem discrimina.; “Ela”, a Inominável. “Ela” que, além de Grande Ilógica e Grande Desordenadora, é também a Grande Perversa.*

No ensaio, considerando o estatuto conferido aos segmentos descritivos, em relação aos segmentos argumentativos e explicativos, creio que aqueles não podem ser avaliados como um tipo secundário, como sugerem algumas análises propostas por Bronckart (1999, p. 243-247). Na planificação do texto, as seqüências descritivas não parecem estar subordinadas aos tipos chamados de “dominantes”, mas ocupam uma função importante de orientação da argumentatividade. As seqüências descritivas parecem buscar a adesão do enunciatário às teses que lhe são apresentadas.

Embora não tenha sido devidamente aprofundada, esta análise permite asseverar que a composição textual de certos gêneros, pela heterogeneidade de operações de engendramento às “coordenadas gerais do mundo”, pode não corresponder necessariamente aos sistemas de demarcação tais como os segmentos e “tipos discursivos” apresentados pelo aparelho conceitual de Bronckart. O próprio autor (1999, p. 254) avalia a complexidade da organização de certos gêneros que se estruturam a partir da interação entre processos diversos de composição, tendo em vista as condições enunciativas estabelecidas por essas práticas, e chega a admitir esses segmentos como “tipos mistos”, pertencentes a “discursos mistos”.

No caso do texto analisado, creio que o agenciamento de determinadas operações – apresentação de dados, exemplos e fatos retirados do noticiário ou da história da humanidade – é decisivo para a construção da argumentatividade do texto e reflete estratégias próprias do raciocínio indutivo. São dados singulares fornecidos pelo enunciador, que passam pelo seu crivo particular, e se encaminham para a conclusão final, respaldada pela citação do poeta português Fernando Pessoa. Em vista disso, permito-me ver esse ensaio jornalístico como um misto de DISCURSO e RELATO, uma espécie de EXPOR INTERATIVO.

### Considerações finais

Neste trabalho, procurei demonstrar que a referenciação não é um processo que se limita somente à ativação de itens lexicais em um texto. Os investimentos no nível da produção do texto podem ser observados nos movimentos interpretativos detectados nos dados recolhidos no experimento. Por mais que pudéssemos julgar imprevisíveis os comportamentos interpretativos dos leitores, é conveniente dizer que as peculiaridades do gênero ensaio jornalístico, decorrentes de sua organização sintática, semântica e pragmática, em função dos usos sociais desse gênero – dos conhecimentos da situação de “ação de linguagem” –, conduziram a atividade de referenciação.

O exame permite mostrar que a produção de sentidos não pode ser vista como o resultado de uma ação de decodificação, em que os objetos estão dados para serem referidos por um leitor. O processo de referenciação desenvolve-se de forma dinâmica, na interação, segundo contextos diferenciados, e as atividades de constituição de sentidos, em lugar de representar objetos do mundo ‘real’, ‘objetivo’, atuam sobre “objetos de discurso” (Mondada e Dubois, 1995).

### Referências

- BAKHTIN, M. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 421p.  
 BENVENISTE, É. 1989. *Problemas de Linguística Geral II*. 3ª ed., Campinas, Pontes, vol. II, 294p.

- BRONCKART, J.-P. 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo, EDUC, 353p.  
 BRONCKART, J.-P. 2004. Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages*, 153:98-108.  
 BURKE, P. 2003. *Um ensaio sobre ensaios*. Disponível em <http://www.eliteintegral.com.br/conteudo.asp?codpg=52>. Consulta realizada em 01/12/2003.  
 CASTELLO, J. 1999. A prática do ensaio com elegância e firmeza. *Estado de São Paulo*, Caderno 2, 5 de junho.  
 DURANTI, A. e GOODWING, C. 1992. Rethinking context: in a introduction. In: A. DURANTI e C. GOODWING (orgs.), *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 229-252.  
 FRANCHI, C. 1992. Linguagem - atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 22:9-39.  
 KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1996. Texte et contexte. *SCOLIA*, 6:39-60.  
 KLEIBER, G. 1997a. Sens, référence et existence: que faire de l'extra-linguistique? *Langages*, 127:9-37.  
 KLEIBER, G. 1997b. Quand le contexte va, tout va et... inversement. In: C. GUIMIER, *Co-texte et calcul du sens*. Caen, ELSAP-CNRS; Univ. Caen, p.11-29.  
 KOCH, I.V. 2002. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, Cortez, 168p.  
 LOPES, M.A.P.T. 2004a. *Processos inferenciais de referenciação na perspectiva sócio-discursiva*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado. FALE/UFMG.  
 LOPES, M.A.P.T. 2004b. Referenciação e gênero textual – atividades sócio-discursivas em interação. In: I.L. MACHADO e R. de MELLO (org.), *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso/POSLin, FALE/UFMG, p. 205-219.  
 MARCUSCHI, L.A. *Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras*. Trabalho apresentado na IV Jornada do CelSul, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, novembro de 2000, 39p. (digitado)  
 MONDADA, L. e DUBOIS, D. 1995. Construction des objets de discours et catégorization: une approche des processus de référenciation. *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), 23:273-302.  
 POSSENTI, S. 1993. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, Martins Fontes, 218p.  
 SCHNEUWLY, B. 1994. Gêneros e tipos de texto: considerações psicológicas e ontogenéticas. (Tradução Roxane Rojo) In: Y. REUTER (ed.), *Les interactions lecture-écriture (Actes du Colloque Théodile-Crel)*. Bern, Peter Lang, p. 155-173.  
 VAN DIJK, T.A. 1992. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto, 1992, 207p. (Org. Apres. I.V. Koch)  
 WEINRICH, H. 1973. *Le temps*. Paris, Seuil.

Recebido em jul/2004  
 Aceito em set/2004

Maria Angela Paulino Teixeira

## Anexo 1



# Considerações sobre ela, sem dizer seu nome

Roberto Pompeu de Toledo Ensaio

**Eventos como os da semana passada impressionam tanto em si como pelo que ocorria antes e o que ocorre depois**

**H**á ocasiões em que ela age por atacado. Leva um ministro e, menos de 48 horas depois, o líder do governo na Câmara. Leva ainda no mesmo período, para ficar nas pessoas que aparecem nos jornais e na TV, um cantor de dor-de-cotovelo, um escritor mexicano, a mulher de um beatle. Que arrastão! Ela, a Inominável, a Indesejada das Gentes, mostra nessas ocasiões um fôlego de corredor de maratona. É o momento em que nos lembra que não relaxou sua vigilância, a nós que tantas vezes pretendemos negá-la, e na vida de cada dia temos como fim último nos distrair de sua existência. Nessas horas em que age por atacado, ela chega com a exuberância de uma virtuose de seu ofício, a fúria de um touro ao entrar na arena, a fome de gols de um centroavante dopado. Feita sua obra, deixa-nos embasbacados como diante de um acróbata do impossível que, depois de um salto sobre o abismo, nos disse: "Viram do que sou capaz?"

Os desaparecimentos do ministro Sérgio Motta e do deputado Luís Eduardo Magalhães provam que, ao contrário do que se acredita, o raio cai duas vezes no mesmo lugar. No caso, caiu duas vezes no núcleo central do governo. A política brasileira já experimentara, antes, a prova de que o raio cai duas vezes no mesmo lugar. Não é raro eleger-se um presidente e, antes mesmo da posse, sobrevir seu desaparecimento? Pois aconteceu isso não só com Tancredo Neves, em 1985, mas com Rodrigues Alves, em 1918. No âmbito da política baiana, o raio que agora desaba o faz igualmente pela segunda vez. Não é também raro um imbatível candidato a governador vir a desaparecer subitamente, a pouco tempo da eleição? Isso aconteceu em 1982 com o candidato Clériston Andrade, e aconteceu agora com Luís Eduardo Magalhães. Comentando a dupla perda para o presidente Fernando Henrique Cardoso, disse o secretário de Direitos Humanos do governo, José Gregori: "É como se tivesse ocorrido um desastre aéreo". Diante dos desmandos da Grande Ilógica, procura-se algum fio de lógica. Quando estão a bordo do mesmo avião sinistrado, pelo menos, compreende-se que duas pessoas desapareçam ao mesmo tempo.

A Grande Ceifadeira não tem lógica nem discrimina. Ataca por igual os tristes e os contentes, os justos e os tardados. "Por que não eu?", dizia o senador Antonio Carlos Magalhães. É a pergunta que todo pai se faz diante do filho

que vai embora. A Ceifadeira tem entre seus truques mais brutais inverter as ordens de precedência. Leva o filho antes do pai, o saudável antes do doente. É o momento em que mais impressiona. É como se estivesse bêbada ao volante, ou atirando no escuro. Nessas ocasiões, está investida do papel de Grande Desordeira e Grande Desordenadora. Os que têm fé religiosa consolam-se imaginando não a desordem, mas uma ordem misteriosa. "Creio porque é absurdo", dizia Tertuliano, formulador do cristianismo nos primeiros anos. Quem não tem fé fica só com a desordem.

Riobaldo, o herói de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, em sua luta para ter fé, dizia que algum "norteado" tem de existir no mundo. "Se não, a vida fica sendo sempre o confuso dessa doideira que é." Cadê o norteado dos eventos da semana passada? Norteamo-nos, nesta era sem fé, pela sabedoria da medicina. Um se foi porque nem ao balão de oxigênio dava paz, e preferia arrastá-lo consigo a perder um agito. Outro porque fumava muito. À falta de outra, apegamo-nos à lógica da ciência. Como se, a todos que fizessem isso, acometesse aquilo. Ou como se as explicações tidas por científicas não pudessem amanhã soar tão simplórias quanto soa hoje a cura à base de sangrias.

A Grande Ilógica e Grande Desordenadora é também a Grande Desequilibradora. Estamos nós no aconchego do nosso mundinho, acreditando na solidez do chão em que pisamos, quando ela avança como um tornado e de repente, fulminantemente de repente, vira tudo de cabeça para baixo. Na tragédia, tanto quanto ela em si, espanta o que acontece antes e o que acontece depois. Como podíamos, antes, estar tão desprevenidos? Como pudemos nos acreditar tão estáveis? Nesse sentido, a tragédia como que nos desperta da anestesia da vida normal de cada dia.

Depois da tragédia, dos gritos de desespero e da sensação de insegurança, acompanhados do pressentimento de que o mundo jamais será o mesmo, é espantoso como aos poucos ocorre o contrário: ele volta a ser o mesmo. As coisas voltam a ficar de cabeça para cima. Impõe-se uma sensação de ordem e, de novo, o drama sedante a que chamamos rotina nos distrai "dela". "Ela", a Inominável. "Ela" que, além de Grande Ilógica e Grande Desordenadora, é também a Grande Perversa. Sua segunda maior perversidade, depois de aniquilar pessoas, é essa de fazer o mundo voltar ao normal, a vida ser retomada, os inesquecíveis serem esquecidos, e os insubstituíveis, substituídos. É quando entram os versos do poeta Fernando Pessoa:

*Fazes falta? O sombra fútil chamada gente!  
Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...  
Sem ti correrá tudo sem ti.*